

Aventuras do Homem sem medo

Hoje em dia, talvez mais do que nunca, o medo comanda as nossas vidas. De tal forma, que acaba por justificar a nossa inação: não arriscamos, não falamos, não conhecemos, não experimentamos, não amamos, não, não, não ... por medo.

E, de repente, no meio destes pensamentos, veio-me à lembrança uma obra portuguesa de nome “As aventuras de João Sem Medo” de José Gomes Ferreira. Aparentemente, a história seria apenas de uma série de aventuras de um herói mais ou menos normal. O nosso herói vivia numa aldeia chamada Chora-Que-Logo-Bebes, onde as pessoas de tanto chorarem trazem musgo nos olhos e verdete na boca. Certo dia, farto de tanta choraminguice, decide saltar o muro que separava esta aldeia da Floresta dos Entes Fantásticos e em que se lia o seguinte aviso : “É proibida a entrada a quem não andar espantado de existir”. Do outro lado, esta personagem depara-se com uma bifurcação em que terá de escolher entre o caminho do Bem, “asfaltado, cómodo, ladeado de amendoeiras em flor”, e do Mal, “pedregoso e erizado de espinhos, urtigas e urze”. Seguir o caminho do Bem implica, contudo, ficar privado da cabeça ou, desmantelada a metáfora, perder a capacidade de pensar e contestar. Insatisfeito com esta proposta, João Sem Medo prefere seguir o caminho espinhoso do Mal.

Curiosamente, este herói é descrito como “valente e refilão, sem idade determinada nem feições fixas”, a fim de que cada um de nós possa imaginar o seu perfil e a idade que quiser; é igualmente imaginado como “inimigo de déspotas e de tiranias” e rapaz “leal, duro, intransigente, criador constante da própria liberdade e atirador implacável de nãos contínuos”. As suas aventuras pretendem sobretudo revolucionar Chora-Que- Logo-Bebes e secar as lamentações cobardes.

Posto isto, adaptando esta obra ao que foi referido, parece que a nossa viagem partiu, para todos, do mesmo ponto de partida. Ainda que com idades diferentes (e isso para que interessa?) todos nos sentimos, a dada altura “espantados de existir”. Um dia, de forma mais subtil ou mais presente, tivemos a necessidade de repensar a nossa vida e todas as crenças que necessitaram de algo mais para fazerem real sentido, ou procurar outras com que nos sentíssemos mais reconfortados. À

semelhança do nosso herói de faz de conta, tivemos que optar por caminhos, pois a vida é assim. Todas as nossas opções têm efeitos, e claro que o caminho metafórico do Bem é simples e sem entraves e só exige perder a capacidade de pensar. Isto é o que se passa com todos os que nunca chegarão a lado algum pois não se entregaram a causas, não lutaram por nada nem ninguém, não se sujeitaram a qualquer tipo de agrura na vida. Um dia, num determinado momento iniciamos também a nossa viagem que pode não ter sido materializada em qualquer saída para lado algum. Até diria que a maior viagem começou para o interior de nós próprios (“Conhece-te a ti mesmo”, Sócrates) quando abraçamos a via da Fraternidade Rosacruz. Só depois poderemos ajudar o outro. No fundo, o que pretendemos é não chorarmos de manhã à noite e fazermos a diferença. Ao longo da nossa vida também enfrentamos bichos de sete cabeças, sobretudo quando criamos problemas onde não existem e igualmente bruxas, tais como as perseguições a que muitos foram submetidos pelas crenças. Esta será a viagem de toda a nossa vida e nunca estará encerrada enquanto não deixarmos de pensar e fazer a diferença à nossa volta. O que tem tudo isto a ver com o medo? Tudo. Viver mete medo pois não sabemos o que o momento seguinte nos reserva e nada nos assusta mais do que não conseguirmos controlar a nossa vida como gostaríamos. Posso viver em velocidade de cruzeiro sem influenciar o outro nem me tentar aperfeiçoar, ou posso agir positivamente na minha vida e na dos outros. Hoje, percebemos que servir o outro é a maior e mais importante missão de todos nós.

Em conclusão, na vida real como na fantasia, os rosacruzes serão seres iluminados, capazes de lutar para defender as suas crenças. Tal como as crianças, temos de manter o deslumbramento entrar nas nossas vidas e enveredar em lutas constantes para mudar o que está mal e auxiliar quem de nós precisa. Pode-se começar por pequeninas mudanças mas farão toda a diferença. Nada é impossível, nem mesmo reunir à distância mas muito perto uns dos outros. Não será o medo mais forte que a nossa vontade.

TT